

/ PALAVRA DO LEITOR

Reportagem Cultural

A poucos dias de completar 90 anos (no próximo dia 25 de julho), Carlos Henrique Esquivel Bastos, o mais completo e longo repórter político do Rio Grande do Sul, é uma usina de histórias. São centenas de relatos repletos de personagens (muitos deles históricos) quase sempre acompanhados por uma análise sutil e bem-humorada (Reportagem Cultura, caderno Panorama, **Jornal do Comércio**, 10/05/2024). Excelente e oportuna matéria. Bem apanhada e escrita. Parabéns ao Márcio Pinheiro, autor do texto. *(Wilson Lima)*



O homem que estava lá

Reportagem Cultural II

Já que confessei nunca ter agradecido ao Bastos, padrinho da minha parceria de mais de 50 anos com Luiz Cláudio Cunha. Aproveito a oportunidade para, publicamente, agradecer por esse feliz “casamento”: Obrigado Bastos! Grato! *(Ricardo de Leone Chaves)*

Reportagem Cultural III

O Bastos é um grande personagem dos bastidores da política. *(Helder Piegas)*

Saneamento

Dá para entender a situação que o Estado passou devido às enchentes, situação que jamais será esquecida, com muitas vidas e residências perdidas. No entanto, a situação da Corsan está insustentável. A prestação do serviço está muito abaixo do esperado. *(Alexsander Souza da Rosa)*

RS-118

O governador Eduardo Leite solicitou estudos para avaliar o possível pedagiamento pelo método free flow da RS-118, conforme artigo do coordenador do Movimento RS-118 Sem Pedágio, Darcy Luiz Zottis Filho (JC, 29/05/2024). Durante a campanha, Leite afirmou que a RS-118 não teria pedágio. A única diferença entre um pedágio comum e o free flow é que o segundo está escrito em inglês e vai arrecadar mais. Hoje, a rodovia é mais barata para se duplicar, pois só tem uma ponte para ampliar, os bueiros já estão prontos e as margens da via estão livres. É só colocar as máquinas. *(José Valdai de Souza)*

Animais

A Defensoria Pública do RS ajuizou uma ação milionária contra a Cobasi, após animais para comercialização pelo estabelecimento terem morrido afogados pela enchente em duas lojas da marca em Porto Alegre (Site do JC, 31/05/2024). Deixaram os animais para trás, presos e indefesos. Espero que a população de Porto Alegre, juntamente com os órgãos de proteção aos animais, cobrem as autoridades por essa atitude monstruosa. *(Maurício de Sousa)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Hora de reconstruir o futuro

Everton Braz

Estamos vivenciando uma tragédia sem precedentes. Nunca antes na história os gaúchos tiveram que enfrentar uma catástrofe climática tão intensa quanto a que vivemos neste momento. Cidades inteiras foram devastadas, casas e negócios destruídos e sonhos interrompidos. A quase totalidade dos municípios foi direta ou indiretamente afetada, e famílias inteiras tiveram as suas vidas adiadas, em compasso de espera pela baixa da água de rios e lagos. Estradas e pontes estratégicas para a ligação entre regiões não existem mais, deixando comunidades inteiras incomunicáveis, à deriva. Água e luz já não são mais artigos de primeira necessidade, mas artigos de luxo e escassos em bairros inteiros.

E no meio de tudo isso a economia desmorona, se esfarela. Dia a dia se dilacera. Nosso agronegócio, sempre tão pujante e força motriz do nosso Estado, hoje se encontra com culturas arrasadas e produtores aniquilados. Sem falar em nossos plantéis. Cavalos, porcos e ovelhas levados pela força impiedosa das águas sem qualquer chance de resistência, dizimados. E ainda temos nossos animais domésticos, queridos e parte de nossas famílias, muitos deixados à própria sorte porque era preciso evacuar o local imediatamente.

Nosso futuro é incerto, o caminho será árduo e a recuperação ainda está longe de ser uma realidade. E esse trabalho não passa apenas por ações de enfrentamento dos poderes públicos, seja municipal, estadual ou federal. Passa por organizações

não governamentais, clubes de futebol (como fez a dupla Gre-nal com a iniciativa “Jogando junto pela reconstrução do RS”), grupos de amigos da escola, da academia, vizinhos, famílias inteiras e até por iniciativas solo. É preciso a união de todas as forças, seja de direita, esquerda ou centro. É esse movimento de união que já estamos vivenciando em nosso Estado. A junção de todos os credos em um objetivo maior: reconstruir o Rio Grande do Sul. É o momento de divergentes serem convergentes.

Mas não podemos nos esquecer que essa união não pode esmorecer. O trabalho é árduo, difícil e não será resolvido do dia para a noite. As águas estão baixando e, daí, o mau tempo vem impiedoso e volta a nos castigar. Aquilo que já havia sido feito precisa ser refeito e voltamos à estaca zero. Só que o nosso futuro está ali na frente e precisa ser escrito, ou reescrito de uma forma até então nunca antes pensada. Precisamos de união e equilíbrio para juntarmos forças e fazermos as grandes transformações que o nosso Estado precisa. Só assim conseguiremos construir um novo futuro, grande e transformador.

Presidente do Podemos no Rio Grande do Sul

O caminho será árduo, e a recuperação do RS ainda está longe de ser uma realidade

A tragédia e os problemas psicológicos

Andréa Fidelis

Quando uma pessoa enfrenta uma tragédia, com perdas que afetam profundamente sua vida presente e futura, ela entra em um estado de luto emocional. Esse luto impacta sua energia e perspectiva sobre a realidade, levando meses ou até anos para se recuperar. Lidar com a dor, a angústia e o desamparo psicológico da perda, sejam de entes queridos ou de bens significativos, é parte desse processo.

Quando uma comunidade, uma cidade ou um estado passam por uma tragédia, esse luto se torna coletivo. Afeta a todos simultaneamente, trazendo consequências para a saúde mental, física e econômica da população afetada.

O Rio Grande do Sul está vivenciando esse luto coletivo. No início, durante a catástrofe, ocorre um estado de entorpecimento ou negação. As pessoas reagem ao momento presente, algumas ficam paralisadas enquanto outras se envolvem em atividades frenéticas para evitar confrontar a realidade.

Após esse período, surge uma fase perigosa:

a raiva coletiva. As pessoas questionam por que estão passando por aquilo e buscam culpados externos. Isso pode levar a atos violentos e busca por vingança.

Outro comportamento durante o luto coletivo é a busca por explicações religiosas, como a ideia de um castigo divino. Isso pode resultar em aumento das práticas religiosas na tentativa de obter perdão e proteção divina.

A medida que a realidade da catástrofe se torna inevitável, surge a tristeza e a depressão coletiva. Alguns se sentem desanimados, sofrem de insônia e ataques de pânico, enquanto outros começam a se reorganizar para enfrentar a nova realidade.

A aceitação é fundamental nesse processo, permitindo à comunidade reconstruir-se e ressignificar a vida apesar da dor. Não se trata de esquecer o passado, mas de seguir em frente e construir um futuro.

O luto faz parte da experiência de perda, e o Rio Grande do Sul está passando por isso. Não há uma ordem fixa para as fases do luto, mas todos estão enfrentando essa jornada de integração dos sentimentos e elaboração do que foi vivido.

Estamos em luto pelo nosso Estado, e é preciso tempo para processar essa dor coletiva e encontrar maneiras de seguir em frente.

Psicóloga, professora e pesquisadora em Psicologia